

John Grisham

A HERANÇA

Tradução de Alice Klesck

Rocco

Eles encontraram Seth Hubbard na área onde ele prometera estar, embora não exatamente nas condições que esperavam. Estava pendurado numa corda, presa a dois metros do chão, balançando ligeiramente ao vento. Havia um grupo chegando e, quando eles o encontraram, Seth estava encharcado, embora isso não fizesse diferença. Alguém comentaria que não havia lama em seus sapatos e nenhuma pegada abaixo dele, portanto ele provavelmente já estava enforcado e morto quando a chuva começou. Por que isso era importante? No fim das contas, não era.

A logística de alguém que se enforca numa árvore não é tão simples. Seth obviamente pensou em tudo. A corda era de fibra natural trançada, já meio velha, mas que facilmente suportou os 72kg de Seth, pesados um mês antes no consultório médico. Mais tarde, um empregado de uma das fábricas de Seth diria ter visto o chefe cortar 15 metros de corda de um carretel, uma semana antes de usá-la de forma tão drástica. Uma das pontas estava firmemente amarrada a um galho mais baixo e presa com uma porção de nós, com várias voltas. E segurou. A outra ponta fazia o laço por cima de um galho mais alto, com dois palmos de circunferência e exatamente seis metros acima do chão. Dali, ela pendia menos de três metros, culminando em um nó de força perfeito, no qual, sem dúvida, Seth trabalhou algum tempo. Era um laço clássico, com 13 voltas para acioná-lo, sob pressão. Um nó de força, de verdade, quebra o pescoço, tornando a morte mais rápida e menos dolorosa, e, aparentemente, Seth fizera o dever de casa. Com exceção do óbvio, não havia sinal de que ele tivesse se debatido, ou sofrido.

Uma escada de dois metros havia sido chutada de lado e estava caída ali perto. Seth tinha escolhido sua árvore, amarrado a corda, ajustado o laço e, quando estava tudo certo, chutou a escada e caiu. Suas mãos pendiam perto dos bolsos.

Será que houve um instante de dúvida, de hesitação? Quando seus pés deixaram a escada, mas com as mãos ainda livres, teria Seth instintivamente agarrado a corda, acima da cabeça, lutando, desesperadamente, até se entregar? Ninguém jamais saberia, mas parecia improvável. Provas posteriores viriam revelar que Seth tinha sido um homem em uma missão.

Para a ocasião, ele havia escolhido seu melhor terno, de lã grossa, cinza-escuro, geralmente reservado para enterros ou um clima mais fresco. Ele só tinha três. Um enforcamento apropriado tem o efeito de esticar o corpo, portanto a bainha da calça de Seth batia em seus tornozelos e a do paletó batia em sua cintura. Seus sapatos pretos de cadarços estavam engraxados e impecáveis. Sua gravata azul tinha um nó perfeito. A camisa branca, no entanto, estava manchada com o sangue que minava por debaixo da corda. Algumas horas depois, se saberia que Seth Hubbard havia ido à missa das 11 horas numa igreja próxima. Ele falou com conhecidos, brincou com um sacerdote, colocou uma contribuição na sacola e parecia razoavelmente bem-humorado. A maior parte das pessoas sabia que Seth estava lutando com um câncer de pulmão, embora ninguém soubesse que os médicos lhe haviam dado pouco tempo de vida. Seth estava em várias listas de oração da igreja. Mas carregava o estigma de dois divórcios e sempre estaria maculado como um verdadeiro cristão.

Seu suicídio não ajudaria as coisas.

A árvore era um velho sicômoro que pertencia a Seth e sua família há muitos anos. Toda a terra em volta era farta de madeira de lei, que Seth hipotecou repetidamente, acumulando riqueza. Seu pai tinha adquirido a propriedade por meios duvidosos nos anos 1930. As duas ex-esposas de Seth haviam tentado bravamente levar a terra nas guerras de divórcios, mas ele segurou firme. Elas levaram literalmente todo o restante.

O primeiro a chegar à cena foi Calvin Boggs, um trabalhador rural que fazia de tudo, e que Seth empregara há anos. Domingo, bem cedinho, Calvin havia recebido uma ligação de seu patrão. “Encontre-me na ponte, às 14 horas”, dissera Seth. Ele não explicou nada e não seria Calvin que faria perguntas. Se o Sr. Hubbard disse para encontrá-lo em algum lugar, em determinado horário, então ele estaria lá. No último minuto, o garoto de Calvin, de 10 anos, implorou para ir junto e, contrariado, Calvin disse sim. Eles seguiram por uma estrada sinuosa de cascalho, ziguezagueando por vários quilômetros pela propriedade Hubbard. Enquanto Calvin dirigia, ele certamente estava curioso com o encontro. Não conseguia se lembrar de outra ocasião em que encontrara o patrão numa tarde de domingo. Ele sabia que o patrão estava doente e havia boatos de que estaria morrendo, mas, como em relação a qualquer assunto, o Sr. Hubbard não comentava.

A ponte não passava de uma plataforma de madeira sobre um córrego estreito e sem nome, cheio de trepadeiras e cobras. Há meses o Sr. Hubbard vinha planejando substituí-la por um aqueduto de concreto de bom tamanho, mas a saúde ruim o impedira. Ficava perto de uma clareira, onde duas cabanas em ruínas apodreciam no mato alto, dando alguma pista de um dia ter havido um pequeno povoado por ali.

Estacionado perto da ponte, estava o Cadillac último tipo do Sr. Hubbard, com a porta do motorista e o porta-malas abertos. Calvin parou atrás do carro e ficou olhando a porta e o porta-malas abertos, sentindo o primeiro sinal de que havia algo de errado. Agora a chuva caía continuamente e o vento tinha aumentado, e não havia um bom motivo para que o Sr. Hubbard deixasse as portas abertas. Calvin disse ao menino que ficasse na caminhonete, depois lentamente contornou o carro, sem tocá-lo. Nem sinal do patrão. Calvin respirou fundo, esfregou o rosto molhado e olhou a paisagem. Além da clareira, talvez a uns cem metros, ele viu um corpo pendurado numa árvore. Ele voltou à caminhonete, novamente disse ao garoto que ficasse ali dentro, com as portas fechadas, mas era tarde demais. O menino estava olhando a árvore, a distância.

– Agora, fique aqui – disse Calvin, sério. – E não saia da caminhonete.

– Sim, senhor.

Calvin começou a caminhar. Ele seguiu devagar, com as botas es-
corregando na lama, enquanto tentava manter-se calmo. Para que pressa?
Quanto mais perto chegava, mais claro ficava. O homem de terno escuro,
pendurado na corda, estava bem morto. Calvin por fim o reconheceu, viu
a escada e rapidamente assimilou a cena e os acontecimentos. Sem tocar
em nada, ele recuou e voltou à caminhonete.

Era outubro de 1988 e os telefones de carros tinham finalmente che-
gado à área rural do Mississippi. Por insistência do Sr. Hubbard, Calvin
havia instalado um em sua caminhonete. Ele ligou para o xerife de Ford
County, deu um breve relato e ficou esperando. Aquecido pela calefação
e tranquilizado pela voz de Merle Haggard no rádio, Calvin olhava pelo
para-brisa, ignorando o menino, tamborilando os dedos junto com os
limpadores, e percebeu que ele estava chorando. O menino estava com
medo de falar.

Meia hora depois, dois policiais chegaram no mesmo carro e, enquan-
to colocavam as capas de chuva, chegou uma ambulância com uma equi-
pe de três pessoas. Da estrada de cascalho, todos eles se esforçavam para
ver o velho sicômoro, mas, depois de alguns segundos olhando, ficava
claro que havia um homem pendurado. Calvin disse-lhes tudo que sabia.
Os policiais decidiram que seria melhor proceder como se tivesse havi-
do um crime e proibiram a equipe da ambulância de se aproximar da
cena. Mais um policial chegou, depois outro. Eles vasculharam o carro
e não encontraram nada útil. Fotografaram e filmaram Seth pendura-
do, de olhos fechados, a cabeça envergada à direita, de forma grotesca.
Analisaram as pegadas em volta da árvore e não encontraram nenhuma
prova da presença de mais alguém. Um policial levou Calvin até a casa do
Sr. Hubbard, a alguns quilômetros de distância – e o menino seguiu no
banco traseiro, ainda mudo. As portas foram destrancadas e, na cozinha,
eles encontraram um bilhete num bloco amarelo pautado. Seth escrevera,
caprichosamente: “Para Calvin. Por favor, informe às autoridades que eu
tirei minha própria vida, sem ajuda de ninguém. Na folha anexa, deixei

instruções específicas para meu enterro. Nada de autópsia! S. H.” Estava datado de domingo, 2 de outubro de 1988.

Calvin foi finalmente liberado pelos policiais. Ele rapidamente levou o menino para casa, onde ele despencou nos braços da mãe e não disse nada pelo resto do dia.

Ozzie Walls era um dos dois xerifes negros do Mississippi. O outro havia sido eleito recentemente em um condado do Delta, cuja população era 70% negra. Ford County tinha 74% de brancos, mas Ozzie ganhara sua eleição e reeleição com grande margem. Os negros o adoravam, porque ele era um deles. Os brancos o respeitavam, por ser um policial durão e antigo astro de futebol escolar da Clanton High. Em alguns aspectos da vida do interior sulista americano, o futebol estava lentamente transcendendo a raça.

Ozzie estava saindo da igreja, com a esposa e os quatro filhos, quando recebeu a ligação. Ele chegou à ponte de terno, sem arma ou distintivo, mas tinha um par de botas velhas no porta-malas. Acompanhado por dois de seus policiais, ele caminhou até a árvore, pela lama, com um guarda-chuva. A essa altura, o corpo de Seth estava encharcado e a água escorria das pontas de seus sapatos, de seu queixo, orelhas, das pontas dos dedos e das bainhas da calça. Ozzie parou, não muito distante dos sapatos, ergueu o guarda-chuva e olhou para cima, para o rosto pálido e patético do homem que só encontrara duas vezes.

Tinha uma história. Em 1983, quando Ozzie se candidatou a xerife pela primeira vez, ele tinha três oponentes brancos e nenhum dinheiro. Ele recebeu uma ligação de Seth Hubbard, que lhe era estranho e, como Ozzie viria a descobrir, um homem que se mantinha discreto. Seth morava no lado nordeste de Ford County, quase na divisa com Tyler County. Ele disse ser do ramo madeireiro, tinha algumas serrarias no Alabama, uma fábrica aqui, outra ali, e pareceu ser um homem bem-sucedido. Ofereceu-se para bancar a campanha de Ozzie, mas somente se ele aceitasse

dinheiro vivo. Vinte e cinco mil dólares, em espécie. Em seu escritório, de portas trancadas, Seth Hubbard abriu uma caixa e mostrou o dinheiro a Ozzie. Ozzie explicou que as contribuições da campanha tinham de ser declaradas e tudo mais. Seth explicou que não queria que sua contribuição fosse relatada. Ele queria o negócio em dinheiro, ou nada feito.

– O que quer em contrapartida? – Ozzie perguntara.

– Quero que você seja eleito. Mais nada – Seth respondera.

– Não sei, não.

– Acha que seus oponentes não estão aceitando dinheiro por baixo dos panos?

– Provavelmente.

– Claro que estão. Não seja bobo.

Ozzie aceitou o dinheiro. Ele alavancou sua campanha, chegou ao segundo turno e massacrou seu oponente na eleição final. Depois, chegou a passar no escritório de Seth em duas ocasiões, para cumprimentar e agradecer-lhe, mas o Sr. Hubbard não estava. O Sr. Hubbard não retornava ligações telefônicas. Ozzie discretamente perguntou a outras pessoas sobre o Sr. Hubbard, mas pouco se sabia. Diziam que ele tinha dinheiro guardado nos móveis, mas ninguém sabia ao certo. Ele era dono de oitenta hectares de terras, perto de sua casa. Não usava bancos, nem escritórios de advocacia, nem seguradoras locais. Ia à igreja, de vez em quando.

Quatro anos depois, Ozzie enfrentou uma leve concorrência, mas Seth queria encontrá-lo mesmo assim. Novamente, 25 mil dólares trocaram de mãos. E, novamente, Seth sumiu de vista. Agora ele estava morto, por sua própria força, encharcado de chuva.

Finn Plunkett, médico-legista do condado, finalmente chegou. Agora, a morte poderia ser oficializada.

– Vamos descer o corpo – disse Ozzie. Os nós foram desfeitos e, com a corda afrouxada, o corpo de Seth desceu. Eles o colocaram na maca e cobriram com um lençol térmico. Quatro homens levaram o corpo até a ambulância. Ozzie seguiu a pequena procissão, tão confuso quanto qualquer um.

Ele já estava em seu quinto ano de função e já tinha visto muitos cadáveres. Acidentes, batidas de carro, alguns assassinatos, alguns suicídios. Não era insensível, nem estava saturado. Ele que fazia as ligações, tarde da noite, para pais e cônjuges, e sempre temia a próxima.

O bom e velho Seth. Agora, para quem, exatamente, Ozzie deveria ligar? Ele sabia que Seth era divorciado, mas não sabia se ele se casara novamente. Não sabia nada de sua família. Seth tinha uns 70 anos. Se tivesse filhos adultos, onde estariam?

Bem, Ozzie logo descobriria. Dirigindo rumo a Clanton, com a ambulância logo atrás, ele começou a ligar para as pessoas que talvez soubessem algo sobre Seth Hubbard.